

# O QUE TRANSBORDA DO MAL-ESTAR NAS MASSAS

Damodara Rosalino<sup>1</sup>

A massa inicialmente trabalhada por Freud (1921[2011]) cresce e desenvolve-se mais coesa a partir do acréscimo de características que predominam no Eu de um sujeito. No entanto, um sujeito, assim como uma massa, não é apenas essa casca. Algo amorfo e mais mole pode advir como erupção ao longo de seu crescimento. O que recheia essa massa? Amor, ódio, gozo? Pululam questões, mas o desenvolvimento da teoria lacaniana pode nos oferecer novos contornos.

A partir da teoria da identificação elaborada por Freud (1921[2011]), Miller (2015) afirma que "*la psicología de las masas, en Freud, es el enamoramiento, extendido a muchos, reiterado para cada uno*" (p. 47). Assim como no enamoramento, uma massa estável - igreja e exército, como exemplificado em Freud - se dá numa relação de dependência entre seus membros, relação esta que fica coesa e pacificada a partir do significante mestre equacionado no Ideal do Eu. Ou, em termos lacanianos, o significante mestre apazigua o que há de agressivo na relação imaginária.

Em suas conferências *Logicas de la vida amorosa* (2015), Miller aponta para uma leitura do texto *O mal-estar na civilização* (FREUD, 1930[2010]) como uma correção do próprio Freud à sua psicologia das massas. E um ponto revisado na obra se deu ao pôr em dúvida a capacidade apaziguadora da ordem significativa - cuja hipótese seria a de uma coesão amorosa crescente da humanidade. Miller diz que "*el malestar en la cultura es el testimonio del fracaso de la identificacion significativa (...) para resolver el problema del goce.*" (p. 47). Portanto algo da relação entre identificação e gozo resta, o que segundo Miller, Freud veio a chamar de mal-estar.

Aqui um termo ganha relevo: o super-eu. Instância crítica diferenciada do ideal, o super-eu põe lado a lado o mais-de-gozar (*a*) e o ideal do Eu (I). O ponto de partida de Freud para pensar o super-eu está na dependência do sujeito ao Outro - não há no sujeito nenhuma consciência moral inata. Miller (2015) destaca a tríade da gênese do super-eu

---

<sup>1</sup> Nascido em 1990 e formado psicólogo em 2017. Integrou a turma 5 do curso TPOL da IPB-Ba.

em Freud como: desamparo, dependência e angústia da perda de amor - tudo como posições primárias subjetivas frente ao Outro.

Ainda com Miller a respeito das lógicas da vida amorosa, as dificuldades do amor e do desejo em todo esse imbróglio é saber se um satisfaz ao Outro. Importante notar que no campo do gozo isso não faz questão, pois embora a estrutura significante esteja posta, o que sempre se satisfaz (a pulsão) não depende de efeitos de sentido - tudo isso a ponto de podermos dizer que uma pulsão não se interpreta. E as consequências desse jogo é que resulta em: quanto mais se renuncia ao gozo pulsional mais inflado o super-eu fica, exigindo assim mais renúncias e gozando da própria renúncia.

A constatação aos fenômenos de grupo e da civilização produzida por esses efeitos é traduzida por Miller (2015) da seguinte maneira: "*en la cultura que parecia una promesa de felicidad, Freud anticipó que en horizonte de la cultura estaba la autodestruccion de la humanidad.*" (p. 60)

A respeito da lógica de funcionamento do grupo como apresentado por Freud em 1921, ele já nos advertia da constante tensão ao qual um grupo qualquer estaria sempre submetido. A referência ao pai sob o qual está assentado o laço por identificação não é o pai do complexo de Édipo, mas o ilimitado do gozo do pai da horda; É com esse que a massa se identifica (LAURENT, 2016; MILLER, 2015; OTONI-BRISSET, 2019; RÊGO-BARROS, 2008). "Fundar o laço social sobre a base pulsional da identificação não permite de modo algum considerá-lo harmonioso. Há sempre no laço social um mesmo princípio de ilimitação(...)" (LAURENT, 2016, p. 13-4)

Porém, ainda segundo Laurent (2016), Lacan propõe um outro regime de laço social fundado não na identificação, mas a partir da fantasia e do gozo. Assim, ele distingue dois momentos na formação da fantasia: inscrição da perda do sujeito, grito ou pura enunciação, e representação do gozo, surgimento do objeto *a*. Este segundo tempo aparece geralmente com a mobilização de afetos agressivos, pois surge juntamente com o objeto repugnante e demasiadamente próximo. "O corpo de onde se extrai o grito de protesto não é sabedoria, mas paixão. É um corpo que goza, que é marcado por afetos poderosos, do qual o mais potente é a angústia" (p.15).

Sobre o narcisismo das pequenas diferenças Barros-Brisset (2019) nos lembra que "se por um lado o amor enlaça, a pulsão odienta cobra a sua parte em outro lugar" e tanto para a lógica coletiva quanto para a segregação as condições estabelecidas são as mesmas:

(...)o objeto *a* funda o laço social, semblante parceiro da relação que não há, seja ao modo do amor e seus matizes enquanto suplência, seja como protesto à inexistência, índice do toque de real que alavanca as irrupções de ódio, cólera e indignação. (BARROS-BRISSET, 2019)

O Outro não existe, porém goza na medida em que é trespassado pelo significante da falta, e de seu furo transborda objetos onde o sujeito tende a agarrar-se, ou ele mesmo é tomado como produto da falta. A questão é o que colocar como grampo, o que poderia vir a suturar e fazer borda a esta vazão. Mais ideais? O falo? São questões que passam por 'o que fazer com o ilimitado do gozo?'

O Simbólico por si não dá conta de apaziguar as relações imaginárias que ligam as massas, pois aí sempre sobra e é exigido do corpo um gozo. Inflada a promessa de paz do conjunto humano explode o mal-estar. Irrompe do Real nos laços as múltiplas formas de objeto *a*. E neste cenário colar o *a* ao I (ideal) é o avesso da psicanálise. Este tema é levantado por Miller (2015) na conferência *Patología de la ética*, onde ele destaca que o Estado de direito é necessário para a psicanálise, pois somente neste é possível se perguntar onde eu ando com meu sentimento de culpa. Num estado totalitário, para todos e em todos os aspectos, não é possível colocar a pergunta imprescindível da psicanálise 'o que queres de mim?', não é possível fazer circular essa questão. A grandeza e solidez do Outro impede um mínimo de separação, de solidude e intimidade. Uma constante afirmação do Outro num Estado total põe em distúrbio a condição do sujeito da psicanálise, sujeito que por si se movimenta apenas na incompletude.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Romildo do Rêgo. Da massa freudiana ao pequeno grupo lacaniano (2007). *Em: Psicanálise na favela*, projeto digai-maré: a clínica dos grupos / Ondina Maria Rodrigues Machado; Tatiane Grova (orgs.). Rio de Janeiro: Associação Digai-Maré, 2008.

BARROS-BRISSET, Fernanda Otoni. A subversão da barbárie possível. **Lacan XXI** revista FAPOL online, vol 1, mai/2019. *Disponível em:*  
<http://www.lacan21.com/sitio/2019/05/01/a-subversao-da-barbarie-possivel/?lang=pt-br>  
Acesso em: 21 jun. 2019.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). *Em: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) /* Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu (1921) *Em: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923) /* Sigmund Freud; tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LAURENT, Éric. O gozo e o corpo social (2016). *Em: Correio.* São Paulo: Escola Brasileira de Psicanálise, n 80, 2016.

MILLER, Jacques-Alain. **Logicas de la vida amorosa.** 1ª ed, 5ª reimp. Buenos Aires: Manantial, 2015.